

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS

**BRUNA LIMA PEIXOTO**

**DA LIBERDADE DE EXPRESSÃO À AUTORIA:**

Alternativas para promover uma educação transformadora

Porto Alegre

2015

**BRUNA LIMA PEIXOTO**

**DA LIBERDADE DE EXPRESSÃO À AUTORIA**

Alternativas para promover uma educação transformadora

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada em Letras - Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, Língua Espanhola e Literaturas de Língua Espanhola, pelo Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS.

**Professor Orientador:** Prof. Dr. Arcanjo Pedro Briggmann.

Porto Alegre

2015

**BRUNA LIMA PEIXOTO**

**DA LIBERDADE DE EXPRESSÃO À AUTORIA**

Alternativas para promover uma educação transformadora

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada em Letras - Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, Língua Espanhola e Literaturas de Língua Espanhola, pelo Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS.

---

**Professor Orientador: Prof. Dr. Arcanjo Pedro Briggmann**

**Aprovado em:** \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA:**

Profa. Dra. Ingrid Nancy Sturm - UFRGS\_\_\_\_\_

Profa. Dra. Lia Schulz - UNILASALLE\_\_\_\_\_

Porto Alegre

2015

Aos que acreditam que um novo mundo é possível.

## **AGRADECIMENTOS**

Era uma vez uma gordinha tagarela que adorava ler... É a ela que estes seis anos de graduação foram dedicados. À menina que fui - e continuo sendo -, àquela que acreditava que o mundo das letras transformaria a realidade.

Agradeço às mulheres de fibra da minha família que tanto me inspiraram ao longo do caminho. Agradeço a minha mãe que, dentro de suas possibilidades, ofereceu-me tudo o que podia, e, quando sentiu que o lar já não tinha mais nada a oferecer, me deu um mundo para desbravar.

Aos meus amados professores, que das mais diversas maneiras foram imprescindíveis para que eu chegasse até aqui. Obrigada pelos conselhos, pelas longas conversas, por perdoarem meus atrasos, as faltas por causa do trabalho, as conversas durante as aulas ou, simplesmente, obrigada por darem o melhor de si a uma profissão tão importante.

Agradeço imensamente a todos os meus alunos e ex-alunos, em especial aos da turma 111 de 2014, com quem tive o gigantesco prazer de trabalhar e aprender tanto. Obrigada por me receberem com tamanha generosidade, por abrirem seus corações e embarcarem no meu ambicioso projeto.

Ao meu orientador, por ser um professor fantástico, por ter me encorajado tanto a pôr em prática tudo em que acredito e, é claro, por aceitar tão gentilmente o meu convite para mediar esta relação entre minhas ideias e o trabalho que encerra este ciclo maravilhoso que tem sido a graduação.

Aos muitos amigos que me apoiaram, animaram e acreditaram na Bruna que nem eu acreditava que era capaz de ser. Obrigada pelo carinho, pelas discussões, pelas trocas e pelo crescimento que TODOS vocês me proporcionaram.

"Uma criança, um professor, um livro e uma caneta  
podem mudar o mundo."

**YOUSAFZAI, MALALA**

## RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso tem o objetivo de traçar uma linha entre a liberdade de expressão e construção da autoria ao longo do processo de ensino e aprendizagem. Para tanto, busca recontar, brevemente, a história da educação tradicional, retratando seus princípios, o sentido do fazer educacional, os papéis atribuídos ao professor e ao aluno e questionar alguns valores por trás da prática docente. Diante deste panorama, aponta propostas alternativas de ensino, visando promover uma educação transformadora e significativa, baseada na afetividade, na valorização do sujeito e no estímulo ao desenvolvimento do espírito crítico.

**Palavras chave:** Educação - propostas - sujeito - autoria

## RESUMEN

El presente trabajo de conclusión de curso tiene el objetivo de trazar una línea entre la libertad de expresión y la construcción de la autoría a lo largo del proceso de enseñanza y aprendizaje. Para tanto, busca recontar, brevemente, la historia de la educación tradicional, retratando sus principios, el sentido del hacer educacional, los papeles del profesor y del alumno y cuestionar los valores por detrás de la práctica docente. Delante de ese panorama, apunta propuestas alternativas de enseñanza, objetivando promover una educación transformadora y significativa, basada en la afectividad, en la valoración del sujeto y en el estímulo al desarrollo del espíritu crítico.

**Palabras clave:** Educación - propuestas - sujeto - autoría



## SUMÁRIO

<b>1- INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2- DAS INQUIETAÇÕES: MINHA HISTÓRIA.....</b>	<b>13</b>
<b>3- A LINGUAGEM É A CASA DO SER.....</b>	<b>17</b>
<b>4- VIGIAR E PUNIR: DA CONSTITUIÇÃO DO DISPOSITIVO ESCOLAR.....</b>	<b>19</b>
<b>4.1 - Quais os problemas da educação tradicional que precisam ser combatidos para promover uma pedagogia de educação emancipadora?.....</b>	<b>22</b>
<b>4.2 - Os marcos legais para a educação no Brasil .....</b>	<b>25</b>
<b>5- DA PROPOSTA.....</b>	<b>25</b>
<b>5.1 - Exemplos de Boas Práticas e o que há em comum entre elas .....</b>	<b>31</b>
<b>5.2 – Da teoria à prática: Estágio de Docência em Língua Portuguesa.....</b>	<b>35</b>
<b>6- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>44</b>
<b>7- BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>46</b>

## 1- INTRODUÇÃO

Há os que dizem que a educação está um caos, que os professores ganham baixos salários, que a estrutura das escolas é precária, que os alunos não têm respeito. Há, também, os saudosistas que costumam dizer que "nos velhos tempos tudo era muito diferente". Há, ainda, os acomodados que simplesmente aceitam que as condições para o ensino são estas e que não há como mudá-las. Tais comentários são tão frequentes nos discursos e por estarem fortemente enraizados no senso comum, em algum momento, todos nós (professores ou futuros professores) acabamos nos defrontando com posicionamentos neste sentido.

Entretanto, faço-lhes um convite: Se de repente pensássemos um pouco mais sobre como surgiu e como se constitui o modelo de escola e educação que conhecemos? E se procurássemos entender a fundo quais são as problemáticas desse dispositivo<sup>1</sup>? E se, ao invés de observarmos passivamente um modelo fracassado que vem se repetindo há séculos, direcionássemos nossos esforços para apontar novas possibilidades? E se existem essas possibilidades, será que um ensino considerado inovador<sup>2</sup> (que oportuniza aos alunos uma formação de qualidade, que valoriza a autonomia, o senso crítico, a criatividade e as relações interpessoais) pode dar certo na rede pública brasileira?

Já em 2006, os Parâmetros Curriculares Nacionais alertavam-nos sobre a necessidade de uma nova prática visando atender as demandas da sociedade contemporânea:

"Uma análise da conjuntura mundial e brasileira revela a necessidade de construção de uma educação básica voltada para a cidadania. Isso não se resolve apenas garantindo a oferta de vagas, mas sim oferecendo-se um ensino de qualidade, ministrado por professores capazes de incorporar ao seu conhecimento os avanços das pesquisas nas diferentes áreas de conhecimento e de estar atentos às dinâmicas sociais e suas implicações no âmbito escolar" (PCN, 2006).

---

<sup>1</sup> O conceito de Dispositivo escolar, adotado neste trabalho é o definido e trabalhado pelo Professor Arcanjo Briggmann, em sua obra *Dispositivo escolar e ensino de língua portuguesa*. Porto Alegre, PPG-EDU, 2000 (BRIGGMANN, 2000).

<sup>2</sup> O conceito de ensino inovador é um posicionamento da autora e está embasado nas qualidades citadas a seguir e fundamento na oposição ao ensino opressor e disciplinador apresentado por Foucault.

O presente trabalho é um relato de minhas vivências como aluna, professora e acima de tudo, como cidadã. Como alguém que estudou em instituições públicas de ensino durante os últimos vinte anos e sempre se perguntou se:

- a) É possível promover uma real transformação nos nossos modelos escolares?
- b) Quais os principais valores para a formação dos alunos como cidadãos?
- c) Há metodologias alternativas que sendo aplicadas no Brasil?
- d) O que deve ser levado em conta para promover uma educação transformadora?

Em síntese, este trabalho visa, além de recontar uma história pessoal sobre a ineficiência do modelo de educação instaurado, analisar, refletir e apresentar algumas propostas que foram/são aplicadas à educação pública brasileira - com base na multirreferencialidade<sup>3</sup>, na afetividade, na responsabilidade social - e os resultados alcançados com esses projetos.

Considerando as minhas inquietações e questionamentos como uma problemática passível de pesquisa e baseando-me no caminho traçado por Hernandez (2010), optei por adotar a seguinte metodologia:

- a) Elaboração do marco teórico: adotei livros com os quais trabalhei ao longo da minha formação na licenciatura e Letras e que deram base para a criação e desenvolvimento do meu projeto de estágio (que será, brevemente, apresentado no subcapítulo 5.2);
- b) Tipo de pesquisa: a escolha pela pesquisa correlacional deu-se por acreditar (devido a todas as minhas experiências educacionais) que os resultados positivos ou negativos, dependem da relação entre variáveis, tais como na representação a seguir:

---

<sup>3</sup> O conceito de multirreferencialidade adotado aqui é o definido por Edgar Morin, em a Teoria da Complexidade. A noção de multirreferencialidade tem como perspectiva a conjugação de várias análises teóricas. Assim, o conhecimento não seria algo pronto e sim algo construído a partir da inter-relação de distintos elementos (MORIN, 2000).



Figura 1

(Autora)

c) Hipóteses: as hipóteses aqui levantadas partiram da empiria, da minha pura observação como aluna e professora, e se fundamentam através de levantamentos abrangentes como os estudos da ONU e da UNESCO.

d) Coleta e análise de dados: primeiramente analisei os rankings da educação mundial (que mostram o Brasil com péssimos resultados), considerei as posições de senso comum (sobre desmotivação, gestão escolar, envolvimento da comunidade na escola) e confrontei todos estes dados negativos com praticas de ensino diferenciadas que tem se destacado no país (escolhi apenas cinco casos de boas práticas na tentativa de contemplar as cinco regiões do país).

Para finalizar o presente trabalho, acrescentarei, ainda, o projeto pedagógico desenvolvido por mim, com uma turma de primeiro ano do ensino médio em uma escola pública, durante o meu estágio de docência em língua portuguesa.

## 2- DAS INQUIETAÇÕES: MINHA HISTÓRIA

Pensar em educação é algo que eu tenho feito desde criança. Autodidata, com auxílio da minha mãe, antes dos quatro anos de idade aprendi a ler as minhas primeiras palavras. Desde então, tornei-me uma apaixonada pelas letras e por aprender. Por ser a mais velha de quatro irmãos, fui designada a ensiná-los a ler. Daquele tempo, lembro-me das longas conversas com minha mãe, em que eu fazia muitos questionamentos: "\_como a gente aprende as coisas? Por que a escola ensina essas coisas e não outras, se há um universo cheio de temas para serem ensinados? Por que a gente tem que sentar na cadeira e as pessoas ficam de costas umas para as outras e não dá nem para conversar? Por que a gente faz fila se todo mundo sabe onde é a sala de aula? Por que a gente é obrigado a ir para a escola?

A minha mãe até tentava manter a paciência e responder tantas perguntas, entretanto, eu nunca estava satisfeita. Eu, simplesmente, não aceitava a resposta "*é assim porque sempre foi desse jeito que a escola funcionou*".

Com o passar dos anos, as perguntas se intensificaram e ficaram ainda mais complexas: quem define o que é importante para o meu aprendizado? Quais os valores fundamentais para um ensino de qualidade? Por que não tenho professores motivados? Por que as condições da escola são tão precárias e ninguém faz nada mudar isso?

Adolescente, estudava em uma escola referência na minha cidade. Em 2007, éramos aproximadamente 1.800 alunos, em um prédio condenado, estrutura sucateada, banheiros interditados, faltavam muitos professores (e os que tínhamos, atendiam duas turmas ao mesmo tempo), não havia verba para contratar profissionais para a higienização e, muito menos, verba para oferecer merenda àqueles que, muitas vezes, vinham de regiões distantes e contavam com aquele alimento (vários alunos tinham sua principal refeição do dia realizada na escola).

Nesse período, a evasão escolar atingia níveis alarmantes, a situação era insustentável: aí minha sensação de inconformidade explodiu. Era preciso entender o que estava acontecendo, e, sem dúvidas, era preciso tomar uma atitude rapidamente.

Foi então que vesti a camisa da minha escola e embarquei na ideia de conhecer a fundo os dilemas da educação para, a partir disso, poder criar alternativas que pudessem mudar a situação que nós (alunos e comunidade escolar) estávamos enfrentando.

Em 2007, fui motivo de polêmica na cidade<sup>4</sup>. Eu era, então, uma menina de quinze anos que, descontente com o mato que tomava se alastrava pelo quarteirão ao redor da escola, resolveu chamar as amigas para capinar e juntar o lixo que se espalhava por todos os lados. Semanas depois, foi organizado um mutirão para limpar as salas de aula. Alunos, pais e professores trocaram seus afazeres diários, lápis, livros e cadernos, por vassoures, baldes e panos. No princípio éramos 2, 3, 5... Logo éramos uma multidão trabalhando animada! Foi um dos momentos mais marcantes da minha trajetória. Nada mais emocionante que ver uma comunidade unir-se em prol de uma causa tão nobre.

Naquele mesmo ano, fui eleita representante da escola no Conselho Municipal de Direitos da Criança e do Adolescente, onde aprendi um pouco sobre a Lei de Diretrizes e Bases<sup>5</sup>, o Orçamento Criança e Adolescente<sup>6</sup>, algumas Medidas Socioeducativas e o quanto pedir recursos pode ser um processo bem demorado e burocrático. Contudo, eu só tinha quinze anos e uma vontade gigantesca de transformação.

Após ser eleita por unanimidade para representar meu município no Conselho Estadual de Direitos da Criança e do Adolescente, mais uma vez, vivi momentos marcantes e fundamentais para que eu pudesse entender que só a minha vontade não bastaria: eu esbarraria em uma barreira muito poderosa chamada política.

No segundo dia de Conselho Estadual, representantes de conselhos tutelares, professores, assistentes sociais e estudantes, assistimos a diversas palestras. Uma dessas palestras era sobre os investimentos que o governo havia feito na educação, naquele ano. Pura falácia! Os números nem de longe representavam a dura realidade em que vivíamos.

---

<sup>4</sup> Naquela época eu estudava no Instituto Estadual de Educação Coronel Patrício Vieira Rodrigues, em Tapes – RS.

<sup>5</sup> Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf> (acesso em 28 de agosto de 2015).

<sup>6</sup> Disponível em: <http://www12.senado.gov.br/orcamento/documentos/programas-sociais/tematicocrianca/2012/elaboracao/410-orcamento-crianca-e-adolescente-oca-segundo-o>

Indignada, no momento em que podíamos fazer questionamentos aos palestrantes, contei a minha história e narrei o quanto jovens, como eu, sofriam com o sucateamento das escolas no estado, com a falta de professores, as dificuldades em permanecer estudando... E quantos de nossos sonhos ficariam pelo caminho, já que o único meio de ensino que tínhamos e que poderia nos levar à Universidade era o que recebíamos naquelas precárias condições.

Após tal discurso, muitas coisas aconteceram. Além de ter dado visibilidade para situação da minha escola, fui eleita representante da Comissão Sul-riograndense na VII Conferência Nacional de Direito da Criança e do Adolescente, evento no qual conheci muitos jovens com histórias semelhantes a minha. Aprendi muito sobre os marcos legais que são, ou deveriam ser, os pilares para a educação em nosso país, aprendi o quão burocrática é a mudança quando depende de recursos governamentais e, acima de tudo, aprendi que essa mudança se daria através de um longo processo que estava apenas começando e que ia muito além das questões financeiras, era uma questão de valor.

Terminei o Ensino Médio, muito envolvida em questões sociais e engajada na ideia de transformar a maneira como a educação era vista e, também, em desconstruir aquele modelo pedagógico que me parecia tão pouco eficaz.

Fascinada pela força dos discursos e pela infinidade de possibilidades de transformar o mundo através da linguagem, decidi empreender na apaixonante aventura pelo fantástico mundo da educação.

Comecei a graduação em Letras - Licenciatura, carregada de perguntas que me acompanhavam desde a infância: qual o sentido de estudar? Como se aprende? Para que serve o meu conhecimento? Qual é o papel do professor e como se dá a transposição didática? Eu posso criar novos conhecimentos? Quem é o sujeito que eu quero formar? A escola deixou de fazer sentido como construção social? Por que a escola é dessa maneira e como seria o ensino se houvesse outras alternativas?

Considerando a dialética experiência e saber, a escolha por licenciatura em Letras foi, sem dúvida, muito bem pensada.

Meu desejo era responder as minhas inquietações, não apenas com

**empirismo** e sim com **experiências aliadas às teorias** educacionais. Mais do que constatar que "eu acho que as coisas estão erradas", era importante ter acesso a teorias que embasassem esse meu posicionamento; era fundamental entender a linguagem, a língua e os vários elementos que nos constituem como sujeito. Para tanto, a graduação em Letras - que, principalmente na UFRGS (no meu entendimento), tem um currículo voltado a esse viés mais sociológico, de reflexão e análise sobre a realidade instaurada e de apontar novos caminhos - teve um impacto crucial para atender essa minha necessidade, que acredito ser uma urgência social: a de repensar a escola na perspectiva de que sujeito e que sociedade se pretende construir.

Assim, nos próximos capítulos apresentarei como a linguagem e a reflexão, através da liberdade de expressão, aliadas com boas práticas de ensino podem fazer com que os alunos constituam-se como autores, que tornem-se sujeitos autônomos no processo de aprendizagem.



### 3- A LINGUAGEM É A CASA DO SER

Partindo das ideias, brilhantemente, expostas por Heidegger em sua Carta Sobre o Humanismo<sup>7</sup>, de 1949, chegamos a pedra fundamental daquela que deve ser a nossa prática: a linguagem, a expressão como um todo.

Antes de tudo, é de extrema importância repensar a existência. É preciso repensar não só a sociedade, mas que sujeito é esse que faz a sociedade e o que é ser sujeito<sup>8</sup> da própria história, um sujeito autor, sujeito autônomo.

Considerando que a linguagem é a casa do ser, é o berço da sua existência, que é onde este sujeito se constitui, se olha e se mostra ao mundo, conclui-se que é através dela - da comunicação, da expressão oral, escrita, artística - que o sujeito demonstra suas subjetividades, sua cultura, suas ideologias, enfim, quem é, o que pensa e a partir daí, na relação com o outro, recria o mundo ao seu redor.

No prefácio da famosa obra de Paulo Freire, *A pedagogia do Oprimido*, o professor Ernani Maria Fiori<sup>9</sup>, descrevendo em que se baseia a Educação Libertadora<sup>10</sup>, afirma que a tarefa fundamental da educação é ensinar as pessoas a construir seu próprio discurso. Este discurso está diretamente relacionado com a autonomia de pensamento, com a consciência de si, do outro e do mundo:

A libertação dá-se quando o oprimido reflete sobre sua existência, sobre como se constitui o sistema em que está inserido, tem a ver com a capacidade de se tomar nas mãos, se olhar e saber como se constitui, como se tornou o que é [...] Os caminhos da libertação são os do oprimido que se libera: ele não é coisa que se resgata, é sujeito que se deve autoconfigurar responsabilmente. [...] A prática da liberdade só encontrará adequada expressão numa pedagogia em que o oprimido tenha condições de, reflexivamente, descobrir-se e

---

<sup>7</sup> Carta sobre el humanismo <https://docs.google.com/file/d/0ByVW1G--4tQDOTNVS1VzdUIIU2c/edit?pli=1> – acesso em 27/10/2015.

<sup>8</sup> Visto que a palavra sujeito é tão polissêmica, se faz necessário salientar que no presente trabalho encontrar-se-ão duas acepções de sujeito: 1) sujeito submetido: simples indivíduo; 2) sujeito autônomo: indivíduo que tem consciência de si e do mundo.

<sup>9</sup> Ernani Maria Fiori foi professor de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS.

<sup>10</sup> Ao longo do texto trabalhar-se-á com as noções de Educação Libertadora e Educação Emancipadora, concepções extraídas das teorias de Paulo Freire, principalmente da obra *A pedagogia do Oprimido*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005, 42.<sup>a</sup> edição.

conquistar-se como sujeito de sua própria destinação histórica (FIORI, 1987).

A este direito de uso responsável e reflexivo da linguagem, damos aqui o nome de Liberdade de Expressão, bem como descreve a DUDH<sup>11</sup>, de 1948:

Todo ser humano tem direito à liberdade de opinião e expressão; este direito inclui a liberdade de, sem interferência, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e ideias por quaisquer meios e independente de fronteiras (ONU, 1948).

Ernani Fiori reforça este posicionamento ao reafirmar que ensinar o outro a dizer a sua palavra constitui toda a pedagogia, e ele ainda avança dizendo mais, que ensinar o outro a dizer a sua palavra constitui, também, a antropologia. Daí, ligar a noção de linguagem como casa, como pátria, como território, terra firme em que o sujeito tem segurança, lócus onde ele se forje e se projeta ao mundo.

Respaldando-me nestas perspectivas, o presente trabalho traça uma linha entre a Liberdade de Expressão - meio através do qual os sujeitos marcam sua posição no mundo - e a Autoria - processo de emancipação<sup>12</sup> do ser ao apropriar-se do conhecimento e fazer uso, efetivo, deste, com responsabilidade, pensamento livre e crítico.

O capítulo a seguir tem a finalidade de apresentar, brevemente, como surgiu o modelo tradicional de educação, a qual demanda deveria atender e qual sujeito deveria formar. A partir desse panorama, os capítulos que seguem apresentarão, primeiramente, um levantamento dos pontos fortes desse modelo, que são as características que queremos combater e, posteriormente, em que se baseia uma educação transformadora, voltada às necessidades atuais, à essa nova demanda, à formação de um novo sujeito - reflexivo e atuante - e, claro, um novo fazer educacional.

---

<sup>11</sup> Declaração Universal dos Direitos Humanos, <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001394/139423por.pdf> (acesso em 20/10/2015).

<sup>12</sup> A noção de emancipação, que será referida diversas vezes no trabalho em tela, é relacionada com a libertação dos sujeitos de um determinado sistema social, no caso, o sistema capitalista, que é voltado ao consumismo, a desigualdade de classes e a desvalorização do pensamento autônomo.

#### 4- VIGIAR E PUNIR: DA CONSTITUIÇÃO DO DISPOSITIVO ESCOLAR

Antes de apontar um novo caminho para a educação brasileira, é necessário entender quando o modelo de educação tradicional surgiu, a qual demanda esse modelo buscava atender e em que se baseia o seu processo de ensino e aprendizagem.

Segundo a obra do filósofo francês Michel Foucault<sup>13</sup>, a escola tradicional está no mesmo nível em que estão as fábricas, os hospícios e os presídios. São ambientes de reclusão, com grades, horários estipulados, fardamento, sirenes e, é claro, opressão.

Desde sua arquitetura até a maneira como as aulas são dadas, a escola é um espaço de permanente vigilância, sustentado pela disciplina, que como define Foucault (2001), ao explicar a relação desta com a formação dos alunos, diz que a disciplina é baseada em métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõe uma relação de docilidade-utilidade.

Este padrão educacional, ou melhor dizendo, regime de ensino, difundiu-se entre o final do século XVII e o início do século XVIII, visando atender uma demanda muito específica.

Com o começo da expansão industrial, surgiu uma nova necessidade, a de formar mão-de-obra barata e com um mínimo de conhecimentos para trabalhar nas fábricas, *corpos dóceis e úteis*, essa era a demanda vigente. As primeiras escolas populares eram instituições de disciplinamento do corpo e das mentes, através de uma formação em massa, não era relevante o que o aluno pensava e suas experiências de vida, ao contrário, melhor seria que este perdesse menos tempo pensando em questões sociais ou refletindo sobre sua existência, para ter mais tempo sendo massacrado no chão de fábrica. Por isso, ao sistema mercantilista opressor, esse modelo educacional era tão eficaz.

Assim surgiu o modelo tradicional de educação, em sua gênese, um modelo disciplinador, conteudista e obrigatório, voltado para atender uma necessidade do

---

<sup>13</sup> FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir: História da Violência nas Prisões*, Editora Vozes, São Paulo 2001.

mercado capitalista. O propósito era formar para o trabalho e não formar para o pensamento crítico. Até porque, era muito pertinente, para as classes dominantes, aniquilar as subjetividades das massas trabalhadoras, visto que o pensamento livre seria um problema direto para o sistema opressivo vigente. No artigo intitulado *Trabalho, Capital Humano E Neoliberalismo: Impasses e Críticas*, de Sanita et al (2012), reiteram-se tais afirmações quanto a formação para o trabalho e a alienação das classes trabalhadoras:

Levando em consideração a visão marxista, poder-se-ia afirmar que ocorre, principalmente, após as denominadas revoluções burguesas a partir dos séculos XVII d.C. e XVIII d.C. uma separação entre os que possuem os bens de produção (burguesia) e aqueles que são obrigados a vender sua força de trabalho em troca de um salário (operariado). Este processo fez com que o trabalhador ao aplicar sua força de trabalho se tornasse um alienado (SANITA, 2012).

No Brasil, o ensino tem, desde os primórdios, uma ligação direta com a dominação, considerando que o primeiro contato com a educação formal que nossos povos tiveram foi através dos Jesuítas, que vinham a estas terras "adestrar" os que aqui habitavam, qualificando-os como mão-de-obra e tornando-os novos cristãos, conforme se depreende em Sodré (1994):

O ensino jesuítico, por outro lado, conservado à margem, sem aprofundar a sua atividade e sem preocupação outras senão as do recrutamento de fiéis ou de servidores, tornava-se possível porque não perturbava a estrutura vigente, subordinava-se aos imperativos do meio social, marchava paralelo a ele (SODRÉ, 1994)..

Segundo Rossi et al (2009), no século XIX, com a vinda de corte portuguesa para o país, houve uma significativa expansão dos valores europeus, surgindo então as primeiras universidades, como se observa:

É possível vislumbrarmos mudanças mais significativas na educação brasileira a partir de 1808, com a chegada da família real portuguesa ao Brasil e a abertura dos portos às nações amigas. Quanto ao ensino das Primeiras Letras, somente em 1827 surgiu a primeira lei sobre a educação primária (ROSSI, 2009).

Entretanto, mesmo após a independência, contrariando o que ocorreu em outros países da América-latina, o ensino em terras tupiniquins tardou a atingir a grande massa. Somente após a Primeira Guerra mundial, no final da Primeira

República, é que se repensou a educação e se intensificou o processo de escolarização, mas ainda assim, o modelo implementado era o mesmo do século XVIII.

Diante do exposto, mostra-se necessário nos questionarmos: se o mundo está em constante evolução e passa por diversas mudanças todos os dias, por que a escola parou no tempo, realizando uma educação para atender as demandas mercantilistas e pré-industriais? Se pensarmos na educação que nós recebemos, nas metodologias de ensino aplicadas há trinta anos, há dez anos e atualmente, nos restam dúvidas de que o fazer educacional ainda está ainda muito preso a esta dicotomia, tão discutida em Freire (2005), de opressor x oprimido? Do século XVIII até a atualidade, o que mudou?

Em questões sociais, políticas e econômicas, as mudanças foram drásticas: ocorreram revoluções, países colonizados se tornaram independentes, a escravidão foi abolida, eclodiram duas guerras mundiais, houve ditaduras em diversos países, o homem pisou na lua, houve uma infinidade de evoluções científicas, as mulheres conquistaram direitos e ocuparam outros espaços na sociedade, a bomba atômica foi criada e destruiu cidades japonesas, as famílias se transformaram, o mercado de trabalho evoluiu muito e se tornou ainda mais competitivo, o computador foi criado e com ele uma rede mundial que pode nos unir a qualquer pessoa e a qualquer informação no planeta com apenas um clique, países foram invadidos e devastados na luta por domínio de áreas petrolíferas, foi fomentado o *boom* do consumismo que tem mudado valores sociais, ocorre, também, a crise hídrica, a fragilização dos governos em diversos países, a intensificação do debate acerca da diversidade de gênero e de crenças religiosas, a legalização do uso de drogas e uma infinidade de outras mudanças. É inegável, estamos diante de outra sociedade, infinitamente mais complexa.

Mas se pensarmos diretamente nas atuais escolas brasileiras, em quê se diferenciaram ao longo dos séculos?

Estas, em sua grande maioria, seguem exatamente iguais, desde a fragmentação do currículo, como se o conhecimento fosse todo dissociado, sem qualquer relação com o mundo real e sem a menor aplicabilidade; passando pela

apresentação do ambiente escolar com muros, grades, classes enfileiradas e quadro negro; chegando até às práticas político-pedagógicas com aulas expositivas, alunos que devem manter silêncio, um professor que é o "dono do conhecimento" e que deve passá-lo aos estudantes, que o receberão passivamente e reproduzirão opiniões em série, sem nenhum sinal de reflexão, criticidade e autonomia.

Se a sociedade em que vivemos é outra, não deveria ser outra, também, a demanda educacional? Quem são os alunos do século XXI? Quais os sujeitos que queremos formar?

Tendo em vista os ensinamentos de Freire<sup>14</sup>, ressalta-se aqui, que a principal função da escola e dos professores é promover uma educação significativa e libertadora, que amplie horizontes, que faça ver, que empodere os sujeitos para que tomem suas próprias decisões, para terem opiniões esclarecidas e conviver cada vez melhor em sociedade. A educação libertadora não pode reproduzir um modelo ruim de sociedade, mas sim combatê-lo, e para tanto, é fundamental avançar na questão da liberdade - com regramentos, pautada no respeito e na ética - e da autoria - autonomia dos sujeitos ao apropriarem-se do conhecimento e o utilizarem com responsabilidade.

#### **4.1- Quais os problemas da educação tradicional que precisam ser combatidos para promover uma pedagogia de educação emancipadora?**

**(i) Hostilidade do ambiente escolar e a Educação domesticadora:** por que o ambiente escolar tem de ser composto por instituições austeras, carcereiros e humanos e serem adestrados? Por que se as demandas sociais são por seres livres, responsáveis, inventivos e críticos?

No Brasil, esta hostilidade do ambiente escolar é cada vez mais evidente manifestada através dos baixos índices de desenvolvimento educacional, como apontam os dados do Atlas do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento<sup>15</sup>:

#### **IDHM EDUCAÇÃO:**

---

<sup>14</sup> Paulo Freire, renomado educador e militante da educação.

<sup>15</sup> Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil - <http://www.pnud.org.br/arquivos/idhm-educacao.pdf> (acesso em 21/09/2015).

## **Evolução em proporções**

### **De 1991 a 2010**

-Jovens de 15 a 17 anos com **ensino fundamental completo**:

>Passou de 20% a 57,2%

>**Porém**: 40% dos jovens nesta faixa ainda não têm fundamental completo.

-Jovens de 18 a 20 anos com **ensino médio completo**:

>Passou de 13% para 41%

**Ou seja**: a maioria destes jovens ainda não possui ensino médio completo.

Segundo o *ranking* mundial divulgado em maio deste ano pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (doravante OCDE), de 76 países avaliados, o Brasil ocupa o 60º lugar<sup>16</sup>. Afirma a OCDE:

Apesar de praticamente todas as crianças entre 7 e 14 anos de idade ingressarem nas escolas no começo do ano, nem todas continuam até o final. Elas abandonam porque o currículo escolar não é atrativo, porque precisam trabalhar ou por ter dificuldade em acompanhar as aulas (OCDE, 2015)

Também evidentes, e cada vez mais alarmantes, são os elevados índices de violência em ambiente escolar, como mostra o livro *Violências nas escolas*<sup>17</sup>, organizado pela UNESCO, que reúne o mais completo estudo acerca da hostilidade no ambiente escolar já realizado em toda a América Latina. Nesta obra, mostra-se a violência nas escolas diretamente relacionada com a falta de infraestrutura, a ação de gangues e do tráfico de drogas - no entorno e até mesmo dentro da escola - e da fragilização da autoridade dos responsáveis pela ordem nessas instituições.

A violência é vista como um triste sintoma de que a família e a escola têm fracassado na formação de valores e princípios das novas gerações. É assustador como esta (a violência) é representada como o principal meio ou a arma mais acessível para conseguir o que se deseja, sejam bens materiais ou até mesmo o

---

<sup>16</sup> Matéria da revista Carta Capital sobre ranking mundial da educação, <http://www.cartacapital.com.br/educacao/brasil-e-60o-de-76-paises-em-ranking-de-educacao-8400.html>

<sup>17</sup> <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001257/125791porb.pdf>

respeito do grupo.

Com efeito, considerando que um modelo de educação reflete um modelo de sociedade, desconstruir essa característica tão marcante em nosso ambiente educacional, requer um árduo trabalho de repensar e reconfigurar os valores que embasam a sociedade em que vivemos e, conseqüentemente, as práticas educativas, para então desenvolver processos de ensino mais eficazes. Tais processos só se darão em um ambiente saudável, de respeito mútuo, de afetividade, de proximidade entre quem ensina e quem aprende e, mais ainda, de conscientização sobre a importância desta construção social que é a educação.

**(ii) Baixa motivação:** considerando que os conteúdos ensinados em sala de aula não têm qualquer relação entre si e com a realidade cotidiana dos alunos, são blocos prontos, pré-definidos, os alunos não se sentem motivados a serem sujeitos, a serem ativos no processo de construção do conhecimento, não se apropriam do que lhes é ensinado. Por que estudar conteúdos que não fazem sentido em nosso dia-a-dia? Os PCN alertam:

"O sentido e o significado da aprendizagem precisam estar evidenciados durante toda a escolaridade, de forma a estimular nos alunos o compromisso e a responsabilidade com a própria aprendizagem" (PCN, 2002).

Partindo da premissa de que os questionamentos e o desejo de aprender precedem o conhecimento, fica claro que a baixa motivação, por parte dos alunos, se dá por uma falta de curiosidade, falta de interesse, que por sua vez, ocorre devido ao fato dos estudantes não verem sentido, nem aplicabilidade e nem mesmo valorizarem o que é ensinado. Assim, toda essa problemática da baixa motivação tem um forte impacto no rendimento dos estudantes.

**(iii) Foco no Resultado:** a educação tradicional está pautada em um ensino voltado para atingir uma nota e não em avaliar o processo de aprendizagem dos alunos. Dessa forma, da parte do educando, atingir uma nota dez acaba sendo muito mais importante que, realmente, aprender o que se está estudando. Já da parte do professor, "vencer conteúdos", ou seja, passar o máximo possível de temas de cada matéria é mais valorizado, que esperar o tempo de aprendizagem da turma



e auxiliar no processo de absorção e aplicação dos conteúdos trabalhados. Então, qual o sentido desse ensino, se o aluno não vai aprender verdadeiramente?

O posicionamento de uma escola emancipadora é de que um número não pode representar se um aluno adquiriu ou não determinado conhecimento, não é esse o resultado do ensino. Para avaliar o processo de aprendizagem é preciso considerar muito mais que isso, como se depreende no trecho a seguir, dos Parâmetros Curriculares Nacionais:

"ampliar a visão de conteúdo para além dos conceitos, inserindo procedimentos, atitudes e valores como conhecimentos tão relevantes quanto os conceitos tradicionalmente abordados" (PCN, 2002).

Diante disso, pode-se dizer que é através da inter-relação entre conteúdos - científicos e empíricos - e de valores e ações que a construção de conhecimento deve ser avaliada.

É preciso compreender o ensino e a aprendizagem como um processo constante que acontece em níveis e velocidades diferentes, e não em uma análise isolada sobre um conhecimento estático e descontextualizado. Segundo esta ótica, somente quanto se respeitar e considerar o processo como um todo é que se chegará a avaliações mais plausíveis e que demonstrem a evolução dos alunos ao longo do período de estudo.

#### **4.2 - O que determinam os marcos legais para a Educação Brasileira?**

A partir das primeiras décadas do século XX, houve uma intensa análise e afloraram muitos debates acerca da educação em todo o mundo, foi neste período que pensadores como Montessori, Piaget e Vygotsky desenvolveram e apresentaram suas teorias e possíveis alternativas para a educação, apontando novas perspectivas e conseqüentemente, novas metodologias.

No Brasil, grandes nomes se consolidaram a partir dos anos 1960, destacando-se Paulo Freire e Rubem Alves, ambos educadores e militantes da educação.

Quebrando paradigmas, esses pensadores, ao analisarem a realidade da

educação brasileira no século XX, apontaram para novos desafios. Defendiam uma educação libertadora, voltada para a formação de sujeitos autônomos, com consciência de si e capazes de ter uma visão global da realidade.

De lá para cá, diante de tamanho debate, a educação foi reconhecida como fator altamente impactante para o desenvolvimento do país, social e economicamente. Ao voltarem a atenção para a temática educacional, fomentada por diversas análises, foram criados programas político-sociais para avançar na questão do ensino no Brasil e, mais ainda, foram desenvolvidos marcos legais para pautar a educação no país, como mostra o trecho a seguir:

Art.2º A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios da liberdade e nos ideais da solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (LDB, 1996).

No ano de 1996, foi aprovada a Lei 9.394 que estabelece as Diretrizes e Bases da educação nacional. Esta, em seu artigo 3º e incisos define quais os princípios que nortearão o ensino, como se observa abaixo:

Art. 3º O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

- I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
- II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;
- III - pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas;
- IV - respeito à liberdade e apreço à tolerância;
- V - coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;
- VI - gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;
- VII - valorização do profissional da educação escolar;
- VIII - gestão democrática do ensino público, na forma desta Lei e da legislação dos sistemas de ensino;
- IX - garantia de padrão de qualidade;
- X - valorização da experiência extra-escolar;

XI - vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais.

XII - consideração com a diversidade étnico-racial (LDB, 1996).

Posteriormente, em 1998, foram criados os Parâmetros Curriculares Nacionais que, em mesmo sentido, representam a educação como um fazer múltiplo, de interação, de construção de sujeitos e que deve espelhar a sociedade atual:

Os sistemas educativos formais, cuja tendência tem sido a de privilegiar o acesso a um tipo de conhecimento, em detrimento de outras formas de aprendizagem, devem conceber a educação de forma mais ampla, seja ao procederem reformas educativas ou ao elaborarem propostas curriculares (PCN, 1998).

Em 2009, no estado do Rio Grande do Sul foram criados os Referenciais Curriculares que, por sua vez, consignam:

Quando todos chegaram à escola e, por mecanismos diversos, aí permaneceram, ficou visível nossa incapacidade de criar, para a maioria das crianças e jovens brasileiros, situações de aprendizagem eficazes para suas características e estilos cognitivos. É, portanto, um país que precisa urgentemente reinventar a escola para trabalhar com um alunado diversificado culturalmente e desigual socialmente. E deve dar conta desse desafio ao mesmo tempo em que transforma a educação básica para fazer frente às demandas da sociedade do conhecimento (RC, 2009).

Ao analisar a escola como conhecemos e compará-la com esses elementos apresentados pelos marcos legais, vislumbramos uma total dissociação entre os princípios apresentados pelos governos e as condutas adotadas por diversas instituições de ensino em todo o território nacional.

Pensar que a educação brasileira deveria estar calcada nestes valores, levamos a perceber que há, sem dúvida, uma discrepância tremenda entre os marcos legais e a realidade vigente. É como se a escola fosse impermeável ao novo, a novas ideias que exigem sair da zona de conforto e buscar um novo fazer, um novo professor e um novo aluno.

Políticas públicas foram criadas, vigora uma legislação clara e permeada por muitas reflexões acerca de boas práticas, há diversos projetos e programas

governamentais<sup>18</sup> de capacitação de educadores, mas a escola – enquanto instituição – parece ser impermeável à novas ideias, novas metodologias pedagógicas.

Visando romper essa couraça que cobre o decadente ensino tradicional, o capítulo a seguir apresenta uma nova proposta político-pedagógica - embasada nos princípios expostos na LDB, nos PCN e nos Referenciais Curriculares - e como se dá a aplicação de novas metodologias, em duas instituições públicas brasileiras.

---

<sup>18</sup> Alguns programas de formação continuada para educadores estão disponível no portal do MEC, em <http://portal.mec.gov.br/formacao> (acesso em 14/11/2015).

## 5- DA PROPOSTA

Considerando que a sociedade atual é outra, bem diferente da que existia nos séculos XVII e XVIII, é inegável que a demanda da sociedade do século XXI é de um outro sujeito: um ser crítico, reflexivo, criativo, independente e capaz de transformar o meio em que vive.

É neste ponto que entra a reflexão do presente trabalho: para construir, ou melhor, lapidar este novo sujeito, seria necessária uma outra escola, fundamentada em outras bases. Não uma escola formadora que uniformize comportamentos e pensamentos, mas sim uma escola motivadora, provocadora, que dê subsídios para que esse sujeito-aluno possa crescer e se desenvolver plenamente.

É preciso, antes de tudo, enxergar a escola como campo de possibilidades que surgem a partir do desejo de aprender:

Toda a aprendizagem começa com um pedido. Se não houver o pedido, a aprendizagem não acontece. Há aquele velho ditado: É fácil levar a égua até o meio do ribeirão. O difícil é convencer a égua a beber. Traduzido pela Adélia Prado: Não que faça nem queijo. Quero é fome. Metáfora para o professor (ALVES, 2004).

Com efeito, para promover um ensino transformador, voltado para essa nova demanda, que é terrivelmente mais complexa, é preciso pensar em práticas que enfatizem certos elementos, tais como:

**a) Educação Emancipadora:** baseada na visão freireana, esta deve ser uma educação que vise autoria, autonomia dos sujeitos, que os emancipe das amarras e ditaduras sociais e ideológicas vigentes, permitindo, através da construção e troca de conhecimento, que se possa refletir e expressar o pensamento, livremente, nas mais variadas esferas sociais.

**b) Aluno sujeito:** a educação emancipadora fortalece a posição do aluno como sujeito de seu discurso no âmbito social, como elemento transformador do meio em que vive e não meramente como *mais um na multidão*, como mão-de-obra barata ou como massa de manobra dos que detém o poder no sistema político e econômico em nosso país.

Neste modelo educacional, o aluno tem acesso ao conhecimento, apropria-se dele através da mediação com o professor e colegas, o transforma para interagir com outros sujeitos e assim construir novos conhecimentos, que o possibilitem pensar e agir globalmente.

**c) Professor Provocador:** para atuar neste modelo alternativo de ensino, nesta nova escola e atender este novo aluno, é evidente a necessidade de construir-se um novo professor. Não mais aquele que representava ser o *dono do conhecimento*, não o *professor dicionário*, não o professor que tem a *resposta*, não aquele que entrega *de bandeja* o conhecimento *mastigadinho* para seus alunos. Mas sim aquele que provoca ação, que questiona, que procura conhecer os seus alunos, que procura entender a realidade em que vivem e, a partir disso, leva para a sala de aula o que é assunto do mundo.

No conceito de *A pedagogia da Roda*, o sociólogo e educador Tião Rocha<sup>19</sup> aduz:

Cada um é sujeito da aprendizagem com suas diferenças e experiências de vida, contribuindo com sua formação e a dos demais componentes da roda, em um espaço horizontal e igualitário. A Pedagogia da Roda nos ensinou que “um ponto de vista é a vista a partir de um ponto.” Por isso, cada pessoa é única, porque do lugar e da experiência que ela ocupa, seu olhar, visão e perspectiva são também únicos. E aprender a olhar o mundo pelo olhar dos outros, melhora o nosso próprio olhar. Na roda, educadores e educandos, são aprendizes permanentes, pois fortalece as identidades culturais locais, o que se converte em mais solidariedade e espírito comunitário (ROCHA, 2014).

ou seja, é através da troca, do debate, do levantamento de novas questões, do diálogo, da ampliação de espaço da sala de aula, que se constrói esse novo fazer educacional, o novo professor (agora professor-mediador) e o novo aluno (agora aluno-sujeito).

Partindo desses macro-elementos, em pesquisas virtuais projetos alternativos de educação, escolas transformadoras e boas práticas educacionais no Brasil que estão sendo aplicados e que têm dado resultados muito positivos, não só na

---

<sup>19</sup> O mineiro Sebastião Rocha é antropólogo, folclorista e educador popular. A citação supramencionada foi extraída do texto *A pedagogia da Roda*, disponível em: <http://www.cpcd.org.br/historico/pedagogias-do-cpcd/> (acesso em 15/11/2015).

formação de sujeitos, como também, na ampliação do debate acerca do fazer educacional no século XXI e sobre como trabalhar competências para lidar com necessidades do mundo atual.

### 5.1- Exemplos de Boas Práticas e o que há em comum entre elas.

Um projeto de ensino emancipador é voltado não a uma sociedade ideal. Ao contrário, visa atender uma sociedade real, formada por pessoas reais, em situações cotidianas, é uma maneira de contribuir com a sobrevivência na sociedade - através da cooperação - e de proporcionar subsídios para que se possa transformar-se e transformar o meio.

Diante disso, procurei projetos implementados no Brasil, que atuassem nesse sentido, saindo do campo teórico e pondo em prática este conceito de Educação Significativa, libertadora, emancipadora. As propostas que serão apresentadas a seguir estão calcadas em uma base comum, que têm quatro princípios-chave:

- a) Afetividade:** a aproximação entre os sujeitos é diretamente proporcional a eficiência do processo de ensino e aprendizagem, portanto, a afetividade tem papel altamente significativo para a troca e ampliação de saberes; é o acolhimento direcionado para que o aluno possa se desenvolver plenamente;
- b) Multirreferencialidade:** educação que provém de um único recorte de mundo não se enquadra nestas propostas. Para promover uma educação ampla, significativa, inclusiva, é fundamental trabalhar com diversas teorias, confrontar visões e ampliar os pontos de análises sobre o mundo;
- c) Reflexão:** nestes modelos, voltados para atender este novo sujeito, não cabe mais *empurrar* conteúdos. Aqui, o conteudismo dá lugar à reflexão, a criticidade e, a partir disso, à construção de novos conhecimentos;
- d) Autoria:** a autoria, neste modelo pedagógico, é entendida como autonomia, como empoderamento dos sujeitos para que se apropriem do conhecimento, constituam seu pensamento crítico e possam dizer seus próprios discursos, interagindo com outros sujeitos dentro e fora do ambiente escolar.

Sob estes aspectos é que se delineiam as propostas a seguir:

## **Proposta 1 - Projeto Âncora<sup>20</sup>**

Este projeto foi fundado em 1995, na cidade de Cotia, no estado de São Paulo, para ser uma organização não governamental, que desenvolvesse projetos culturais e sociais, no turno inverso ao das escolas, para crianças e jovens de baixa renda.

Contudo, no ano de 2011, José Pacheco – idealizador da renomada Escola da Ponte de Portugal – dispôs-se a ajudar a transformar o Projeto Âncora em uma escola de educação básica, calcada na elevação da autoestima dos sujeitos, da criatividade, do senso crítico, da capacidade de identificar problemas, de propor soluções e de criar alternativas para questões da vida (individual e em comunidade).

Sob esta metodologia, o ensino não se dá através de livros didáticos nem da atuação de professores, mas sim através de roteiros de estudo mediados por tutores com quem os alunos discutem, analisam e elaboram os projetos e atividades que irão desenvolver ao longo do período letivo. Também são discutidos e escolhidos pelo grupo, quais os temas que desejam aprender e como destinarão suas horas de estudo entre oficinas, esportes, lazer e descanso.

As aulas acontecem ao ar livre ou em grandes salões, os alunos reúnem-se em grupos de acordo com seus interesses, conforme os roteiros por eles elaborados. Com a orientação dos tutores e através da cooperação entre colegas é que se tece a trama da construção do conhecimento, permeada pela liberdade de pensamento, pela experimentação e por valores fundamentais para a vida em sociedade como ética e respeito.

## **Proposta 2 – Escola Municipal de Ensino Fundamental Presidente Campos Salles<sup>21</sup>**

Fundada em 1957, a Campos Salles começou suas atividades antes da favelização de Heliópolis. Inicialmente foram construídos dois galpões, com poucas

---

<sup>20</sup> Mais informações sobre o projeto entram-se em: <http://projetoancora.org.br> (acesso 06 de novembro de 2015).

<sup>21</sup> Informações sobre a escola, sobre a comunidade e os projetos desenvolvidos estão disponíveis em: <http://www.escolacampossalles.org.br/> (acesso em 26 de outubro de 2015).



salas, já dez anos depois foi necessário construir um prédio, dobrando o número de salas de aula para atender os mais de mil alunos.

Entretanto, somente em 1995, com a mudança da gestão escolar, é que foi dado início ao processo de integração Escola-Comunidade, união esta que tem consolidado direitos fundamentais que antes eram negados à população de Heliópolis.

A necessidade de mudança deu-se principalmente para quebrar o estigma de ser uma escola de favelados ou de marginais.

O novo projeto pedagógico do EMEF Campos Salles baseia-se em dois pontos fundamentais: 1) a escola como centro de formação de lideranças; e 2) tudo passa pela escola.

Assim, formada por uma equipe alinhada e capacitada, a nova gestão desenvolveu oficinas, cursos de liderança comunitária e, o mais interessante, construiu o projeto coletivamente, discutindo com a comunidade a importância de seu engajamento, o emprego das verbas recebidas, os direitos de professores e alunos, as linhas pedagógicas que mais se enquadrariam para atender as demandas do grupo, o currículo, etc.

Atualmente, a Campos Salles é referência na cidade de São Paulo, por representar a escola não como instituição de atividade encerrada em si mesma, mas como espaço da coletividade, em que a educação tem papel imprescindível para a formação de cidadãos.

Partindo do histórico dessas experiências, salienta-se que o presente trabalho se constitui em uma experiência positiva, comprovando que diferentes teorias combinadas com práticas pedagógicas alternativas podem gerar processos cada vez melhores e mais eficientes de ensino e aprendizagem, trabalhando em prol de uma educação significativa que agregue valor e amplie o campo de visão e possibilidades dos sujeitos.

### **Proposta 3 – Escola Estadual Odorico Leocádio<sup>22</sup>**

Localizada em Rondonópolis no Mato Grosso, esta escola destaca-se pelo projeto pedagógico diferenciado e por uma gestão escolar altamente qualificada e ativa.

Com o título de Melhor Escola da região Centro Oeste, a Odorico tem quase mil alunos e segundo a direção da escola, os resultados alcançados dependem do engajamento de toda a equipe, da comunidade e de parcerias como as Secretarias de Educação, Saúde e da Promotoria da Infância..

O trabalho pedagógico envolve reuniões frequentes, muito diálogo com os pais, projetos, mini-oficinas e feiras culturais.

### **Proposta 4 – Escola Municipal de Ensino Fundamental Prof. Gilberto Gonçalves da Silva<sup>23</sup>**

Localizada no Morro Alto, em Porto Alegre, a pequena Escola Gilberto Jorge ganhou notoriedade por desenvolver diversos projetos exemplo de boas práticas educacionais.

Aliando uma formidável relação com a comunidade e em parceria com universidades, a equipe escolar trabalha sob uma perspectiva de inclusão, impulsionando pesquisas, projetos de educação alternativa (eco-arte, horta comunitária, rádio comunitária, acompanhamento pedagógico etc) e diversas experiências pedagógicas dentro e fora de sala de aula.

### **Proposta 5 – Escola Comunitária Luiza Mahin<sup>24</sup>**

Criada a partir a iniciativa da Associação de Moradores do Conjunto Santa Cecília, a Escola Luiza Mahin trabalha com uma metodologia de integração e valorização cultural. Os alunos participam e ministram oficinas de arte-educação (dança, artesanato, música etc). Além disso, recebem cursos de capacitação para o

---

<sup>22</sup> Mais informações em: <http://www.agoramt.com.br/2015/11/escola-e-eleita-melhor-da-regiao-centro-oeste-e-concorre-a-premio-nacional/> e <http://escolaestadualodorico.blogspot.com.br/> (acesso em 14/12/2015).

<sup>23</sup> Mais informações disponíveis em: <http://gilbertojorge.blogspot.com.br/2012/05/emefprof-gilberto-jorge-goncalves-da-16.html> (acesso em 14/12/2015).

<sup>24</sup> Mais informações disponíveis em: <http://escolastransformadoras.com.br/br/escola/escola-comunitaria-luiza-mahin/> (acesso em 14/12/2015).

primeiro emprego, a escola promove gincanas e programas para atender professores e alunos.

Segundo a coordenação, o sucesso das práticas desenvolvidas se deve à valorização do aluno e diversidade étnico-cultural, a relação com a comunidade e a afetividade entre educadores e educandos.

## **5.2 – Da teoria à prática: Estágio de Docência em Língua Portuguesa**

Unindo as bases dos marcos legais com as teorias trabalhadas com leveza e genialidade por Freire e pensando em desenvolver uma prática de ensino diferenciada, estimulada pelas propostas apresentadas anteriormente, criei e apliquei um projeto de ensino de Língua Portuguesa considerando os vários elementos que compõem essa trama que é a construção da língua e do conhecimento.

Focalizando na noção de que a língua é um meio mutável, através do qual os sujeitos interagem com seus semelhantes, marcam sua posição, defendem opiniões, representam sua realidade e atuam sobre o mundo que os cerca e no impacto que o domínio da língua tem na vida dos sujeitos, é que foi pensado o projeto em tela.

Como proposta metodológica, adotei a pedagogia Freireana de Tema Gerador, em que se busca uma leitura crítica da sociedade e a ruptura do senso comum a partir do diálogo e da problematização acerca de questões sociais (relação homem-mundo).

Ao trabalhar a multiplicidade de pontos de vista, unir questões culturais, ideológicas, tempo, espaço, diferentes interlocutores, oralidade, escrita, semiótica e tecnologia, objetivei dar voz aos alunos, conhecê-los, encorajá-los a escrever, a produzirem seus próprios discursos e refletirem sobre questões de seu dia-a-dia, dentre elas a própria educação.

Antes de começar a dar aula, fiz observações nesta escola por três semanas e considerando as mazelas da comunidade ao redor da escola, o nível de violência (dentro e fora do ambiente escolar), o uso indiscriminado de drogas, o descaso com a escola e relação “pouco amigável” entre professores e alunos (eu mesma presenciei vários atritos entre eles), escolhi como nosso tema gerador *A crítica*

social.

Através da leitura de textos variados, da promoção de rodas de debate, sessões de documentários e da produção de diários, busquei criar um projeto de educação emancipadora que levasse os alunos a perceberem o espaço que ocupam na sociedade e que através da liberdade de expressão, da valorização de suas histórias e da construção de seus discursos é que podem chegar à autoria, à autonomia no seu processo de ensino e aprendizagem e na plena capacidade de refletir e atuar no mundo. A fim de contemplar de forma sucinta o trabalho desenvolvido, exponho as etapas de atuação na tabela a seguir:

<b>Cronograma</b>	<b>Trabalho Proposto</b>
1ª semana - Diários	<p>Apresentação do Projeto, desde a apresentação pessoal, disposição das classes em sala, maneira como procederiam as avaliações e entrega dos diários (que seriam nosso principal meio de analisar/avaliar os conhecimentos adquiridos, seriam também um canal de comunicação para que os alunos me contassem opiniões ou histórias pessoais que talvez não se sentissem tão à vontade para contar a todo o grupo).</p> <p>A) Entrega de Diários; B) Primeira produção escrita: pedi que contassem sobre como era sua rotina e como eram suas relações na família e na escola; C) Assistimos o aclamado documentário brasileiro <i>Pro dia nascer feliz</i>, de João Jardim.</p>
2ª semana – Os números da Educação	<p>Debatemos as diferentes visões apresentadas no documentário.</p> <p>Apresentei à turma alguns índices sobre educação, quanto foi investido nos últimos anos, o que a legislação fala sobre ensino – documentos</p>

	<p>disponibilizados pela Secretaria de Educação -, o que são PCNs e Referenciais curriculares.</p> <p>Todos ficaram cheios de ideias e falaram muito. As críticas e sugestões para a educação, foram parar nos diários e rederam muitas páginas.</p> <p>A) Eles entregaram-me os diários;</p> <p>B) Analisamos fotos de outro colégio estadual (também localizado em Porto Alegre) e fizemos uma breve discussão de por que escolas que estão localizadas em áreas mais nobres recebem mais investimentos e suas dificuldades ganham notoriedade, sendo que escolas de periferia têm muito mais necessidades.</p>
<p>3ª semana – As Ditaduras</p>	<p>Assistimos vídeos com cenas do período de ditadura no Brasil. Reunidos em um grande círculo, os alunos comentaram o que haviam aprendido recentemente nas aulas de história sobre este período. Lemos e discutimos o poema <i>Agosto de 1964</i>, de Ferreira Gullar. Após a leitura entreguei a cada aluno uma fotografia em preto e branco de alguém desaparecido nesse período. Atrás de cada foto havia um trecho do poema <i>A Bomba</i>, de Carlos Drummond Andrade. As fotos deveriam ficar de frente para o grupo e o trecho do poema de frente para quem segurava a imagem. A atividade fluiu muito bem e rendeu muitos comentários dúvidas</p> <p>A proposta para tema de casa era que escrevessem em seus diários sobre quais são as ditaduras da atualidade e que foi o tema da nossa roda de conversa da aula seguinte.</p>

<p>4ª semana – Canção e Direitos Humanos</p>	<p>Aproveitando que todos estavam munidos de celulares, sempre com acesso a internet, pedi que reunidos em grupos, pesquisassem o que são direitos humanos.</p> <p>Após a pesquisa, cada grupo deveria criar sua própria lista de direitos. O que mudariam? Quais são os direitos que não são respeitados em seu dia-a-dia?</p> <p>As produções nos diários trouxeram muitas histórias surpreendentes como:</p> <p style="padding-left: 40px;">Que direitos a escola assegura? Eu, mulher, não posso nem vir com a roupa que eu quero porque dizem que estarei provocando os meus colegas e que eles vão me fazer algum mal. Aqui era para ser lugar onde a gente ia aprender a respeitar a liberdade e o corpo do outro (T, 15 anos).</p> <p>Os textos produzidos foram apresentados para o grande grupo, gerando discussão e muita polêmica ao tocarem em assuntos delicados como direito de expressão, cotas raciais e os auxílios do governo (bolsa família).</p> <p>Na aula seguinte, trabalhamos direitos e denúncia através da canção. Dividi-os e sorteei uma música para cada grupo. Eles ficaram responsáveis por estudar os versos, interpretar a letra e apresentar uma análise sobre os elementos que davam sentido às denúncias presentes na música. Animados com o som alto, todos interagiram bastante e rapidamente tinham até coreografias para a aula. As canções escolhidas foram:</p>
--	--

	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Apesar de Você – Chico Buarque</li> <li>- Rap Denuncia – Rapaziada Mc's</li> <li>- Bala Perdida – Gabriel Pensador</li> <li>- A Massa – Pitty</li> <li>- Isso é Brasil – Mc Garden</li> </ul>
<p>5ª semana – Denúncia nas artes</p>	<p>Seguindo a ideia de crítica social, levei para a turma imagens de obras como <i>Navio de Emigrantes e Favela I</i>, de Lasar Segall; <i>Futebol, Café e Mestiço</i>, de Candido Portinari; <i>Raízes e O veado ferido</i>, Frida Kahlo; <i>O Grito</i>, de Edvard Munch. Contei-lhes uma breve biografia destes artistas, conversamos sobre o que sentiam e percebiam em cada obra e sobre o que parecia estar sendo criticado em cada imagem.</p> <p>Como atividade final da semana, dei-lhes uma folha em branco, pedi que fizessem releituras da obra <i>O Grito</i> e que em suas produções a personagem realmente gritasse o que eles gostariam de dizer.</p> <p>As obras produzidas pelos alunos foram riquíssimas, cheias de criatividade e com uma reflexão profunda, as expusemos por toda a escola.</p>
<p>6ª semana – Em quê vamos acreditar?</p>	<p>Lemos a obra de Machado de Assis, <i>O segredo do Bonzo</i>.</p> <p>A partir da leitura, fizemos uma chuva de ideias sobre como a sociedade influencia nossa forma de pensar e agir.</p> <p>O tema da produção escrita era: O que a sociedade me fez acreditar?</p> <p>Os resultados foram muito interessantes, nos diários haviam relatos variadíssimos desde: “A</p>

	sociedade me fez acreditar que só se eu fizesse chapinha todos os dias eu teria amigos” até “ Me fizeram acreditar que eu era incapaz de aprender alguma coisa”.
7ª semana – Um brinde à mudança.	Auto avaliação (em que, um a um, os alunos propoiam um brinde ao de mais importante aprenderam nesse período em que estivemos juntos). Entrega final dos diários e confraternização.

Esse projeto foi aplicado em uma turma de 1ª série do ensino médio, em uma escola estadual, localizada em um dos bairros mais violentos de cidade de Porto Alegre, bairro Bom Jesus. Essa escola é uma representação atual do que o senso comum define como a educação pública no país: falta de professores, uma gestão longa e ineficiente, infraestrutura precária, alunos desmotivados e tantos outros problemas.

Ressalto que é fundamental ter bem clara a noção de que não se pode desenvolver um projeto eficaz de ensino se for voltado para um grupo ideal, é de extrema importância que se conheça o grupo com que se trabalhará e que se adapte o projeto de trabalho para a realidade dos alunos.

## **I – Objetivos**

- Conhecer a bagagem de leitura dos alunos;
- Apresentar-lhes diferentes gêneros textuais (documentários, textos jornalísticos, literatura canônica);
- Comparar músicas, contos, pinturas e vídeos, para trabalhar a compreensão e as diferentes possibilidades de interpretação e construção de sentido;
- Discutir em grupo os temas e estruturas das obras trabalhadas;
- Incentivar produções autorais, através da produção de diários, a partir das temáticas discutidas, sempre relacionadas com as experiências dos alunos;



## **II - Competências e Conteúdos**

- Realização de leitura de diferentes gêneros literários (verbais e não verbais);
- Identificar os elementos estruturais destas produções;
- Perceber os efeitos de sentido explícitos e implícitos, relacionando-os com fatos concretos do mundo;
- Compreender, discutir e articular-se na temática de crítica social;
- Criação de textos autorais, a partir do que foi trabalhado ao longo desse período.

## **III – Tempo e dinâmica das aulas**

Esse projeto foi desenvolvido em 4h/aula semanais, divididas em 2h/aula nas terças e nas quintas-feiras;

A dinâmica do projeto foi sair do espaço fechado da sala de aula, do ensino de língua portuguesa focado na gramática e em conteúdos estáticos, do conhecimento pronto, para chegar a um processo de experimentação em que o conhecimento se dá de maneira democrática, cooperativa e funcional. Os temas eram levantados por mim (professora-mediadora) - ou surgiam naturalmente ao longo das aulas -, discutidos e reconfigurados a partir da visão de mundo e das experiências dos educandos.

Nas aulas, trabalhamos com as mais diversas formas linguísticas: músicas, artes-plásticas, leitura, escrita, jogos, dança etc. Sempre considerando a pluralidade de interpretações e construindo o conhecimento de maneira reflexiva, crítica e cooperativa.

Discutimos desde o sentido da educação, como a escola poderia ser um espaço muito mais atrativo e acolhedor; debatemos as ditaduras sociais que dividem classes e diferenciam os sujeitos devido a sua renda, conversamos muito sobre a questão da carreira profissional e das ambições para o futuro, chegando até a interminável discussão sobre quais cidadãos eles desejavam ser e qual e sociedade em que desejavam viver.

#### IV – Auto avaliação

Propor uma educação desafiadora, inclusiva, calcada na emancipação do aluno e que valorize o processo é o princípio fundamental desta proposta e de toda a minha formação acadêmica. O principal preceito que fundamenta essa noção de *emancipar*, tantas vezes repetida ao longo deste trabalho, parte da obra *O mestre ignorante*, de Ranciere (2002) que, ao falar sobre os governantes e sua atuação para a instrução do povo, traz o seguinte entendimento:

Eles gastam tempo e dinheiro na experimentação e promoção de celeiros de grãos e fossas de purina, fertilizantes e métodos de conservação para melhorar as culturas e enriquecer camponeses, limpar as imundícies dos pátios de fazenda e os preconceitos das cabeças rústicas. Há, porém, um meio bem mais simples do que esse: com um velho Telêmaco ou, mesmo, com uma pluma e papel para escrever uma oração, eles podem emancipar os camponeses, torná-los conscientes de seu poder intelectual; e os camponeses se ocuparão, eles próprios, do aperfeiçoamento de suas culturas e da conservação de seus grãos. O embrutecimento não é uma superstição inveterada, mas tenor frente à liberdade; a rotina não é ignorância, mas covardia e orgulho das pessoas que renunciam a sua própria potência, pelo simples prazer de constatar a impotência do vizinho. Basta emancipar (RANCIERE, 2002).

Em nosso último encontro, organizei uma manhã inteira dedicada a essa complicada questão que é olhar para trás, olhar para dentro de si e perceber o que mudou, o quanto se evoluiu nos meses em que trabalhamos juntos. A última tarefa do bimestre foi a auto avaliação que, pedi que fosse feita como um brinde, que seria chamado de “Brinde à mudança”.

Um a um, os educandos foram até o quadro e, animados, se pronunciaram e brindaram às novas *coisas* que haviam descoberto.

Seus discursos, sinceros, engraçados e até exagerados foram, com toda certeza, o resultado mais gratificante dessa caminhada. Brindaram às músicas que puderam conhecer, brindaram à voz que enfim era ouvida, brindaram à chance de conhecerem outras maneiras de ver a sua comunidade e o mundo como um todo, brindaram à carreira que não lhes parecia mais um sonho tão distante e brindaram à autoconfiança que agora fazia deles novos jovens cheios de planos e ávidos por desbravar o mundo.

## **V- Critérios de Avaliação**

Ao considerar ensino e aprendizagem como um processo ininterrupto constituído tanto de conhecimentos científicos como valores, comportamentos e conhecimentos empíricos, estabeleci como critério avaliativo o desenvolvimento das atividades propostas, a partir de uma temática geradora. Após avaliar o projeto como um todo, avaliando a evolução de cada aluno dentro de seu tempo e das capacidades alcançadas, atribuí três conceitos que são: a) atingiu plenamente os objetivos; b) atingiu parcialmente os objetivos; e c) não atingiu os objetivos.

Sem provas que são avaliações pontuais e que por isso não poderiam contemplar todo o processo de crescimento dos alunos, o conceito foi atribuído a partir da análise do conjunto. Os critérios de atribuição dos conceitos foram: participação nos debates e desenvolvimento das atividades, interação com o grupo, domínio do tema (seja conteúdo formal, sejam questões sociais), compreensão dos aspectos trabalhados e responsabilidade.

## 6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

A complexa tarefa educativa torna-se cada vez mais pesada se considerarmos a educação como um fazer engessado, como uma determinação que não pode ser mudada. É preciso que avaliemos o quão pouco produtivo tem sido o processo e o quanto os resultados atingidos têm sido cada mais decepcionantes: altos índices de evasão escolar<sup>25</sup>, professores e alunos desestimulados, ambientes precários, investimentos mínimos, sujeitos que após treze anos de ensino formal saem da escola ainda despreparados para atuar autonomamente nas mais distintas esferas sociais (relações entre família, amigos, colegas, trabalho).

Uma questão fundamental para o ensino deve ser a sua abrangência. A sala de aula, hoje, não é mais *uma caixa cheia de alunos* sentados em classes enfileiradas. Com os avanços tecnológicos e as mudanças sociais, os sujeitos do século XXI têm infinitas possibilidades de informação, sua sala de aula é o mundo. Diante disto, fica fácil perceber porque o ensino cristalizado do século XVIII não tem dado certo para atender as necessidades da sociedade atual.

É necessário romper este imperativo de impossibilidade, perceber a Educação como princípio fundamental de um país e de seu povo, educação como princípio norteador da sociedade que desejamos. Vê-se imprescindível desconstruir a noção de que uma relação entre aluno e escola seja um abismo intransponível.

Neste trabalho, não tenho pretensões de apresentar um antídoto para os males do ensino brasileiro. Mas sim, provocar reflexão e apontar possibilidades a partir das minhas experiências e leituras.

Nesta concepção, proponho uma educação transformadora, significativa, vinculada ao mundo, à realidade. A educação é, antes de tudo, reflexo da sociedade. E neste trabalho defendo que mais que refletir um cenário posto, deve-se recriar, reconfigurar, reconstruir, repensar toda a sociedade e, claro, os sujeitos que formam.

---

<sup>25</sup> Taxa de Evasão escolar no Brasil, segundo o PNUD, disponível em: <http://educacao.uol.com.br/noticias/2013/03/14/brasil-tem-3-maior-taxa-de-evacao-escolar-entre-100-paises-diz-pnud.htm> (acesso em 12 de setembro de 2015).

O ensino deve fortalecer a identidade dos sujeitos, a criticidade, a criatividade, elementos que os prepararão para a relação com o outro e com o mundo. Esse processo de fortalecimento da identidade deve começar já nos primeiros contatos educacionais.

É profundamente relevante ver e tratar o aluno como um ser social, que tem uma vivência que precede a vida escolar e vai muito além dela, e que esta vivência não pode ser negligenciada. Ao invés disso, deve ser aliada, ser base, dar subsídio para o levantamento de questões, exposição de pontos de vista, reflexão sobre a realidade social (atual e histórica) e meio para impulsionar novas construções de conhecimento.

Não há como mensurar a satisfação de perceber-se dono de sua própria história. Quando um aluno de uma escola em situação alarmante, une seus anseios, seus medos e suas experiências de vida com lápis e caderno, sob uma qualificada mediação, e decide contar sua opinião, expor seus pensamentos, sua posição, apropriar-se do mundo a sua volta e recriá-lo... isto é mágico e tem um enorme poder de mudança. Esse jovem reconhece e constitui uma identidade que talvez nem sequer conhecesse, expõe mazelas de sua comunidade, representa elementos culturais e ideológicos, posiciona-se, opina, demonstra quem é e se projeta ao mundo, de modo consciente e reflexivo. O aluno percebe-se como sujeito, como ser social, toma conhecimento da dimensão das questões que o cercam e com senso crítico e autonomia, aponta soluções, constituindo-se então, efetivamente como cidadão.

Por fim, mostra-se oportuno salientar, ainda, que os desafios aqui apresentados não são meras críticas e sim, o levantamento de questões fundamentais para entender como chegamos até aqui e delinear alternativas para um novo fazer educacional que, por sua vez, produzirá um novo sujeito e então, a nova sociedade que tanto sonhamos.

## REFERÊNCIAS

ALVES, R. Gaiolas ou Asas – A arte do voo ou a busca da alegria de aprender. Porto, Edições Asa, 2004

ASSIS, M. de. Obra Completa. Rio de Janeiro : Nova Aguilar 1994. v. II

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei nº 9.394/96 – 24 de dez. 1996. Disponível em : [http://www.planalto.gov.br/CCIVIL\\_03/leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/leis/L9394.htm) (acesso em 19 de setembro de 2015).

\_\_\_\_\_, ORIENTAÇÕES CURRICULARES: Linguagens, códigos e suas tecnologias. Ministério da Educação. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/linguagens02.pdf> (acesso em 17 de setembro de 2014)

\_\_\_\_\_, Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Fundamental, 1997.

\_\_\_\_\_, Orçamento Criança e Adolescente – OCA, Senado. Disponível em: <http://www12.senado.gov.br/orcamento/documentos/programas-sociais/tematicocrianca/2012/elaboracao/410-orcamento-crianca-e-adolescente-oca-segundo-o>

BRASIL tem 3ª maior taxa de evasão escolar entre 100 países diz PNUD. Disponível em: <http://educacao.uol.com.br/noticias/2013/03/14/brasil-tem-3-maior-taxa-de-evasao-escolar-entre-100-paises-diz-pnud.htm> (acesso em 01 de novembro de 2015).

BRIGMANN, A. P. Dispositivo escolar e ensino de língua portuguesa. Porto Alegre, PPG-EDU, 2000.

CARVALHO, J. C. de P. Estrutura, organização e educação: o imaginário sócio-organizacional e as práticas educativas. In: FISCHMANN, R. (Org.). Escola brasileira: temas e estudos. São Paulo: Atlas, 1987.

CARTA CAPITAL, Brasil é o 60º de 76 países em ranking de educação. Disponível

em: <http://cartacapital.com.br/educacao/brasil-e-60o-de-76-paises-em-ranking-de-educacao-8400.html> (acesso em 26 de outubro de 2015).

E.M.E.F. CAMPOS SALLES, Disponível em: <http://www.escolacampossalles.org.br> (acesso em 26 de outubro de 2015).

GERALDI, J. W. (org.). O texto na sala de aula. Cascavel, ASSOESTE, 1985.

FERNANDES, F. G. (Org.) Oralidade e Literatura: manifestações e abordagens no Brasil. Londrina: UEL, 2013.

FOUCAULT, M. Vigiar e Punir: História da Violência nas Prisões, Editora Vozes, São Paulo 2001.

FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005, 42.<sup>a</sup> edição.

HERNANDEZ Sampieri Roberto, Fernández Collado Carlos, Baptista Lucio Pilar. Metodología de la Investigación. Tercera Edición. México: McGraw Hill, 2010.

LUCKESI, C. C. Avaliação da aprendizagem escolar. São Paulo: Cortez, 1996.

MORIN, E. Ciência com consciência. Rio de Janeiro: Bertrand, 2000.

OLSON, D. O mundo no papel. São Paulo, Ática, 1997.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS – ONU, Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. Disponível em: <http://www.pnud.org.br/arquivos/idhm-educacao.pdf> (acesso em 21 de setembro de 2015).

PROJETO ÂNCORA. Disponível em: <http://projetoaancora.org.br> (acesso em 06 de novembro de 2015).

RANCIERE, J. O mestre ignorante: Cinco lições sobre a emancipação intelectual, Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

RIBEIRO, N. RIBEIRO e E. MORESCHI, J. Literatura Brasileira: a poesia como denúncia social. Alta Floresta: FLAF, 2012.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria do Estado de Educação, Departamento Pedagógico. Referenciais curriculares do Estado do Rio Grande do Sul: linguagens, códigos e suas tecnologias. Porto Alegre: SE/DP, 2009. p.15.

ROCHA, S. Pedagogia da Roda. In Pedagogias do CPCD. disponível em: <http://www.cpcd.org.br/historico/pedagogias-do-cpcd/> (acesso em 15/11/2015).

ROSALES, C. Avaliar é refletir sobre o ensino. Rio Tinto, Portugal: Edições ASA, 1990.

ROSSI, E. R. RODRIGUES, E. NEVES, F. Fundamentos históricos da educação no Brasil. Maringá: UEM, 2009.

SANITA, A. VANDRESEN, D. PROFETA, A. Trabalho, Capital Humano e Neoliberalismo: Impasses e Críticas. In Revista Litteris. Paraná: IFPR, 2012.

SODRÉ, N. W. Síntese de história da Educação Brasileira. 17 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

UNESCO. Violências nas Escolas. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001257/125791porb.pdf> (acesso em 01 de outubro de 2015).

UNICEF, Declaração Mundial Sobre Educação Para Todos, disponível em: [http://www.unicef.org/brazil/pt/resources\\_10230.htm](http://www.unicef.org/brazil/pt/resources_10230.htm) (acesso em 25 de agosto de 2015).